

Os 3 Homens da Gnosia 2

Em meados do Séc. XX, a população estudantil feminina na Faculdade predominava sobre a masculina talvez ainda mais do que no presente, mas isso não se repercutia de modo algum sobre os docentes e outros funcionários, quase todos homens, como era o caso da Farmacognosia II, agora impensável, para o catedrático, o assistente e o empregado... Ao Professor António Lopes Rodrigues (1892-1970) chamávamos "O Paizinho", não sei bem por quê. Curiosamente, não me lembro de mais nenhuma alcunha que tivesse pegado como esta a qualquer outro docente. Era licenciado em Medicina com elevada classificação e a sua vinda para a Faculdade de Farmácia foi uma espécie de conquista face à vontade de a Faculdade de Medicina o querer para seu docente. Não só nunca perdeu o seu pendor médico como o empregou, para além da docência, no notável trabalho em prol da luta anti-tuberculosa. A sua menina dos olhos era a Assistência Nacional aos Tuberculosos (ANT) e muito em especial o Sanatório Montalto, em Gondomar. Tinha um gabinete da ANT em Cedofeita e alunos havia que tinham o descaramento de lá irem inscrever-se como sócios nas vésperas dos exames, procurando que lá estivesse precisamente o professor. Pela minha parte só depois do exame soube disto e talvez nem corresponda à verdade o "efeito cunha" dessas iniciativas. Na verdade, fui a exame com enorme relutância e escassa preparação, pois detestava a matéria, e o resultado foi certamente melhor do que eu merecia. E valeu-me, como a todos, de resto, o cheiro das drogas que se apresentavam no exame prático. Havia dezenas de frascos e à sorte cabia-nos identificar uns quantos. Era tarefa quase impossível se não fosse o cheiro dos conteúdos.



Professor Lopes Rodrigues
O Paizinho



Jantar da Queima em Maio de 1966, onde se podem ver, sentados e a contar da esquerda, os professores Albuquerque, Guerra, Costa, Correia Alves, Vale Serrano, Lopes Rodrigues, Sena Esteves, Prista e Morgado. De pé, e também a contar da esquerda, está o Prof. Polónia ao lado de sua mulher Dr^a Antonieta, técnica superior da Faculdade e o Prof. Nunes de Oliveira, o qual tem à sua direita a aluna Maria Clemência Mourão, que veio a ser durante alguns anos assistente da Faculdade e à sua esquerda a aluna Maria Júlia Clemente, com quem casei em Outubro desse ano. Além da Dr^a Antonieta, podem ver-se duas outras técnicas superiores: a Dr^a Maria Quitéria Paiva, por trás do Prof. Prista, e a Dr^a Maria Palmira Martins, nesta foto a aluna que à direita está acima de todos.

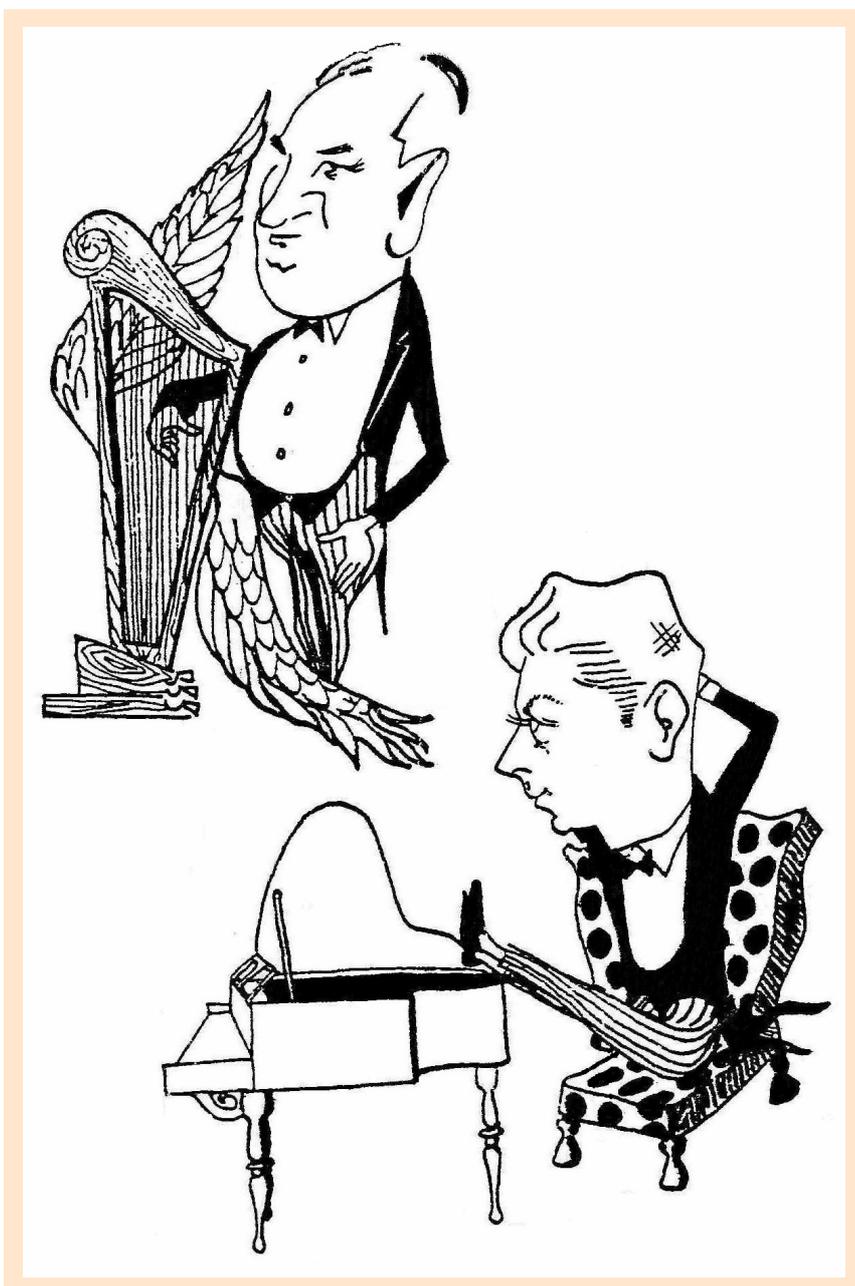
É que ao tirar as rolhas esmerilhadas, rodava-se o gargalo para cheirar e ao mesmo tempo ler o nome salvador que alma benemérita tinha escrito por dentro, a lápis, mas bem legível. O assistente, agora Professor Alfredo Albuquerque (4-6-1928), catedrático aposentado, doutorou-se por essa altura, mas a Gnosia não era certamente a "sua" menina dos olhos: para isso teve muito por onde escolher, pois regeu mais de 20 cadeiras, entre teóricas e práticas. Curiosamente, também é médico, e talvez por isso se sentisse mais a gosto na Farmacodinamia, por sinal a cargo também, durante algum tempo, destes mesmos três homens. Não foi com eles que fiz a *Dinamia*, pois entretanto a sua regência passou para o Prof. Correia da Silva, mas soube dum episódio caricato que não resisto a contar. Havia por lá um colossal banho para órgãos isolados destinado, ao que parece, a corações bovinos. Se pode ser complicado montar um coração de cobaio ou até de rato para ensaio de fármacos, imagine-se montar um coração de boi! Mas foi exactamente isso que o Paizinho mandou fazer ao assistente. O empregado, o Senhor Ataliba Figueiredo (1906-1990) lá viajou até ao matadouro, de onde trouxe um coração de boi recém-abatido, mas o Dr. Albuquerque declarou ao professor que só com a sua ajuda conseguiria fazer a montagem. O Paizinho assobiou para o lado e ali mesmo morreu uma experiência que teria valido a pena ver... e o Senhor Figueiredo foi talvez o mais feliz dos três, pois levou o coração fresquinho para casa com intuítos descaradamente gastronómicos. Se um coração não é tão tenro como lombo, vazio ou alcatra, também não era coisa que se desprezasse...

O Prof. Albuquerque tem muitos talentos, que soube, ao longo da sua vida profissional, pôr ao serviço da profissão. Para além da vintena de disciplinas que cuidou – outra coisa impensável nos dias que correm – foi bastonário da Ordem dos Farmacêuticos e fez da Paracélsia um êxito assinalável da indústria farmacêutica portuguesa, nomeadamente quanto à produção de soros injectáveis. É um notável coleccionista, sobressaindo uma belíssima colecção de máquinas fotográficas e de cinema. Contou-me que nas deslocações a que o obrigava a sua posição de bastonário frequentava os antiquários, sobretudo no estrangeiro, onde conseguia peças valiosas e, como frequentemente acontecia, por bom preço em virtude de estarem danificadas ou incompletas. E aqui vinha outra das suas capacidades: reconstruí-las laboriosamente, tal como faz, diga-se de passagem, com móveis antigos. Este era nem mais nem menos que outro dos seus *hobbies*... Toca piano e desenha com desenvoltura, como se vê pelas caricaturas do professor (da primeira página) e a do empregado, ambas da sua autoria. Até apresento no fim um seu esboço curioso, escolhido a propósito de entre vários que me facultou...

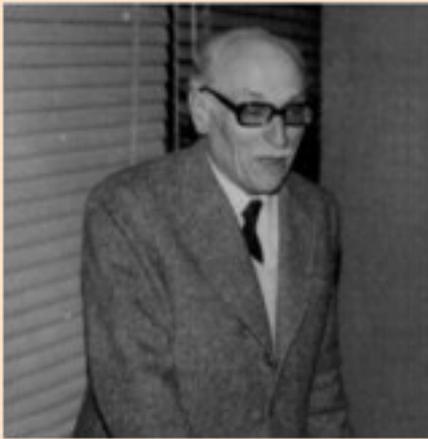
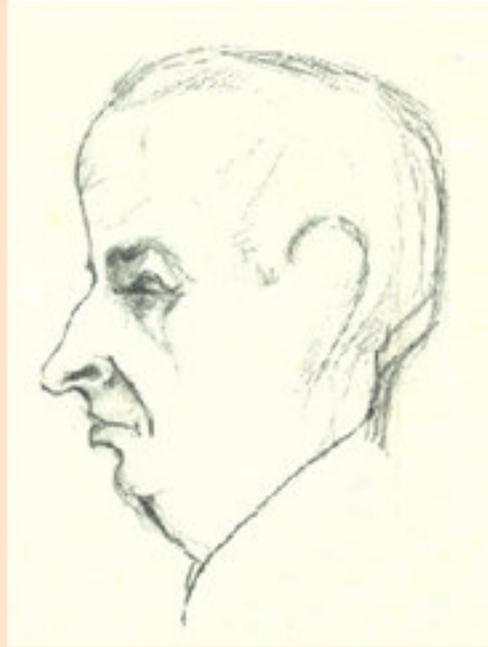
Por falar em caricaturas, há conjuntos de professores que em vários livros de curso aparecem com tocadores de instrumentos numa orquestra. Aqui aparecem o professor e o assistente tal como vinham no de 1966.



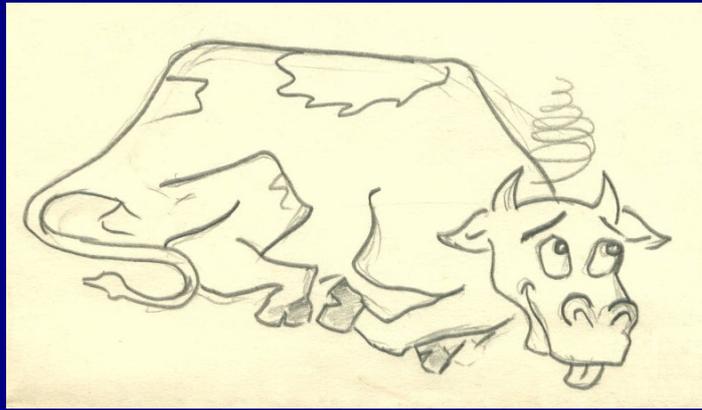
O Prof. Albuquerque num retrato já com alguns anos e numa fotografia recente.



O Senhor Figueiredo (1906-1990), era dos três o que mais tempo passava no laboratório, onde pontificava com uma presença que curiosamente era ao mesmo tempo discreta e imponente. Estava como que em casa e ali tudo lhe passava pelas mãos, entre tarefas mais simples como a preparação do material para as aulas práticas ou outras mais complicadas e para si mais gratas como a preparação de herbários e sobretudo a colheita de plantas medicinais, em expedições com o professor. Parecia deslizar em vez de caminhar como toda a gente e fumava desalmadamente. Em conversas já depois da sua aposentação, vim a saber dos seus ideais fortemente republicanos e calculo como contemplaria com enlevo um busto branco da *República* que havia no gabinete do Director da Faculdade (história "1924"). Imagino que não lhe seria tão grata a visão de um medalhão, de gesso e de tamanho natural, do Dr. Salazar, que também lá se encontrava...



Esta página documenta bem a estima de que gozava o Senhor Figueiredo por parte dos docentes com quem colaborava. Basta ver o desenho/caricatura da autoria do Prof. Albuquerque e sobretudo o almoço de homenagem que se lhe ofereceu por altura da sua aposentação, em 20 de Maio de 1976, exactamente no dia em que completava 70 anos. Nas fotografias vê-se o Prof. Correia da Silva a dizer algumas palavras de homenagem e depois o homenageado com o Prof. Correia Alves. Em baixo, o Senhor Figueiredo agradece e na última fotografia pode ver-se do lado direito a Prof. Margarida Ferreira, depois o Prof. Polónia com o seu bem-amado cigarrinho, sua mulher Dr^a Antonieta e o Prof. Vale Serrano. Do lado esquerdo reconhece-se a Dr^a Maria Filomena Bernardino, actual responsável pelo Gabinete de Apoio ao Conselho Directivo, estando ao fundo o Prof. Correia da Silva falando com o Senhor Figueiredo.



E tal como em cima se indicou, aqui fica um desenho do Prof. Albuquerque, talvez o do dador involuntário de um coração que, destinado à ciência farmacêutica, veio a ficar-se pela ciência culinária...

Fernando Sena Esteves
Abril de 2008